

as armas da rainha

anne bishop

Tradução de Luís Santos



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para Merri Lee e Michael

JOIAS



BRANCA
AMARELA
OLHO-DE-TIGRE
ROSA
AZUL-CELESTE
VIOLÁCEA
OPALA*
VERDE
AZUL-SAFIRA
VERMELHA
CINZENTA
ÉBANO-ACINZENTADA
NEGRA

*A Opala estabelece a linha divisória entre as Joias mais claras e mais escuras, pois ela pode ser ambas.

Ao realizar a Dádiva às Trevas, uma pessoa pode descer até ao máximo de três categorias relativamente à sua Joia de Direito por Progenitura.

Exemplo: A Branca de Direito por Progenitura pode descer até à Rosa.

Nota: O «Sc» nos nomes Scelt e Sceltie pronuncia-se «Sh».

HIERARQUIA DOS SANGUE / CASTAS



MACHOS

PLEBEU — em qualquer das raças, os que não fazem parte dos Sangue.

MACHO DOS SANGUE — um termo geral para todos os machos dos Sangue; designa igualmente todos os machos dos Sangue que não usam Joias.

SENHOR DA GUERRA — macho que usa Joias, cujo estatuto é equivalente ao de feiticeira.

PRÍNCIPE — macho que usa Joias, cujo estatuto é equivalente ao de Sacerdotisa ou ao de Curandeira.

PRÍNCIPE DOS SENHORES DA GUERRA — macho que usa Joias, perigoso e extremamente agressivo; tem um estatuto ligeiramente abaixo do de Rainha.

FÊMEAS

PLEBEIA — em qualquer das raças, as que não fazem parte dos Sangue.

FÊMEA DOS SANGUE — um termo geral para todas as fêmeas dos Sangue; regra geral designa todas as fêmeas dos Sangue que não usam Joias.

FEITICEIRA — fêmea dos Sangue que usa Joias, mas que não se encontra em nenhum dos outros níveis hierárquicos; designa também qualquer fêmea que use Joias.

CURANDEIRA — feiticeira que cura ferimentos e doenças do foro físico; o seu estatuto é equivalente ao de Sacerdotisa e ao de Príncipe.

SACERDOTISA — feiticeira que zela pelos altares, Santuários e Altares das Trevas; testifica juras e casamentos; realiza dádivas; de estatuto equivalente ao de Curandeira e ao de Príncipe.

VIÚVA NEGRA — feiticeira que cura as mentes; tece as teias entrelaçadas de sonhos e de visões; é versada em ilusões e venenos.

RAINHA — feiticeira que domina os Sangue; é considerada o coração da terra e o centro moral dos Sangue; como tal, é o ponto central da sociedade.

PRÓLOGO



Teresa deixou-se cair no banco à frente da mesa de trabalho. Desviou o cabelo preto emaranhado do rosto com as mãos castanhas que lhe tremiam. Enevoados pela fadiga, os olhos dourados fitaram a sua mais recente teia entrelaçada de sonhos e de visões que ela tecera de modo a tentar compreender a inquietude que a deixava em constante agitação. Evaporava-se durante dias, por vezes semanas, ao que regressava. Sempre a agitá-la. A provocá-la a recordar uma vida que devia ser esquecida, a bem de todos. Sobretudo, pelo seu bem.

Com a teia mais recente, ela quase conseguia ver... *alguma coisa*. Mas a verdade esquivava-se, à semelhança de tantas outras coisas que lhe fugiam. Coisas simples. Coisas banais. Havia dias em que o seu corpo, e o grosso da mente, estavam presentes em Halaway, a aldeia onde vivera. Havia dias em que olhava para os bolos decorados na montra da pastelaria e *via* bolos. Em outras alturas via memórias fragmentadas de outras montras, outros bolos recheados com angústia, barrados com dor, cobertos de gritos.

Talvez os bolos tivessem realmente isso. Talvez não. Por vezes não era fácil distinguir entre as coisas, pois ela era uma Viúva Negra quebrada – e um cálice de cristal fragmentado.

A quebra fora-lhe imposta, com a violação selvagem a destruir-lhe o potencial e a transformá-la em mais uma feiticeira cujo poder fora desfeito pela lança de um homem. Agora, o estilhaçar que lhe fragmentara a mente e a deixara eternamente à deriva no Reino Distorcido? Isso fora *sua* escolha, de modo

a recuperar a Arte da Ampulheta. Fizera-o para *ver*, para alertar e dar esperança ao seu menino e ao menino alado.

Haviam passado tantos anos desde aquela noite em que dissera a Daemon Sadi e a Lucivar Yaslana que a feiticeira aí vinha. Acontecera tanto – alegria e dor, mágoa e celebração.

E agora...

Tersa fechou os olhos e deixou-se levar desde a fronteira entre a sanidade e o Reino Distorcido. Amiúde havia clareza a encontrar na loucura.

Seguiu um caminho familiar, detendo-se quando a estrada começou a dividir-se em rumos que talvez contivessem a resposta – ou talvez contivessem uma recordação terrível. Perante esses rumos, sabendo que podia perder-se e nunca mais encontrar o caminho de volta à fronteira, de regresso ao seu menino, interrogou-se se a dor e a mágoa, todos os preços que haviam sido pagos, teriam sido em vão.

Sou Tersa, a Tecedeira, Tersa, a Mentirosa, Tersa, a Louca. Debitou as palavras que já antes dissera, enviou-as para as Trevas num fio entrelaçado de poder e de loucura.

Uma voz negra subiu do abismo psíquico que fazia parte das Trevas e respondeu-lhe: **Não és mentirosa, nem és louca.**

Aproxima-se qualquer coisa, mas não consigo ver. Interrogou-se se a sua habilidade com a Arte da Viúva Negra, a capacidade pela qual pagara com a sanidade, estaria a desvanecer-se. A falhar.

Mesmo que ouças os pés de um homem na estrada, consegues vê-lo se estiver do outro lado de um monte?, perguntou Feiticeira.

Tersa pensou por um instante. **Só quando chegar ao cume desse monte e se tornar visível.**

E então?

Tersa olhou para os carreiros fragmentados que se dividiriam em mais caminhos e depois se transformariam em ainda mais estradas. Era tão fácil perder-se nos fragmentos, nos sítios onde o ontem podia, afinal, ser amanhã. Tão difícil permanecer junto à fronteira e ao barulho da vida normal.

Mas o seu menino precisava dela. O menino alado precisava dela. Até a jovem, a assassina, precisava dela.

Ajudas o menino?

Eu ajudo-o.

Antes que fosse incapaz de resistir à atração de um dos caminhos fragmentados, Tersa virou-se e deu início à subida de regresso até à fronteira do Reino Distorcido.

Abriu os olhos e agarrou-se à borda da mesa, estremecendo no banco,

ajustando-se à entrada turbulenta no mundo palpável. Assim que se sentiu com firmeza suficiente, Tersa eliminou a teia entrelaçada e limpou o tear de madeira que servira de base aos fios de seda de aranha. Depois trancou as ferramentas e os aprestos na arca, após o que arrumou a bancada de trabalho. Com tudo em ordem, deixou a oficina que criara no sótão do pavilhão que partilhava com o pequeno Mikal, fechando a porta à chave antes de descer.

Graças à visão na teia entrelaçada, ela ouvira o som de passos que servia de alerta, mas ainda não era chegada a altura de ver. Tinha de acreditar que haveria tempo de sobra para ver.

Nessa noite, Tersa sonhou que estava num sítio de neblina e de pedra – um sítio com um fosso que continha uma enorme teia de poder que descia em espiral, cada vez mais fundo até às Trevas. Nesse sítio, a sentir o peso do ambiente a pressionar-lhe a pele, Feiticeira murmurou: **Mantém-te alerta, Irmã. Fica à escuta dos passos que se aproximam.**

O que farás?, perguntou Tersa.

Vou garantir que, quando chegar a altura, todas as armas estejam prontas para a guerra.

PRIMEIRA PARTE

ARMAS FORJADAS

CAPÍTULO UM



Daemonar Yaslana serviu-se da Arte para invocar um novelo de cordel e avaliou o enigma à sua frente. Depois mexeu em algumas peças para que se ajustassem melhor e começou a prender os ramos caídos que ele e a prima haviam juntado para aquela ideia desvairada, parva e que lhes iria garantir umas palmadas – uma ideia que parecia curiosa a ponto de ele talvez a poder ter tentado fazer sozinho, caso tivesse sido capaz de convencer Jaenelle Saetien a não construir uma jangada para experimentarem naquele dia, no rio.

O dia de verão estava quente e andar de jangada parecia divertido, mas havia rápidos mais a jusante no rio, seguidos de uma queda-d'água. Sentia-se atraído pela ideia de se testar contra esses elementos em cima de uma jangada feita com ramos e cordel. Afinal de contas, era um Príncipe dos Senhores da Guerra eyrieno, e até ter idade suficiente para testar a sua força com a Corrida de Sangue, aquilo podia ser entendido como treino. Não era verdade?

Quase parecia uma justificação bastante plausível. Teria de se lembrar dela se – certo, *quando* – o pai ficasse a saber daquela pequena aventura. E teria de pensar num motivo válido para não estar sozinho na jangada. Talvez a Tia J. o pudesse ajudar com isso – caso não lhe desse um carolo antes que o pai lhe deitasse as mãos.

Jaenelle Saetien pousou nova braçada de ramos ao lado dos que ele já fora buscar. Depois suspirou.

– Porque é que não usamos a Arte para unir os ramos? Até-los vai demorar uma *eternidade*.

– Tens medo de ser apanhada antes de lançarmos isto à água? – indagou ele, atando mais dois ramos um ao outro.

– Talvez.

Fitou-a. Jaenelle Saetien SaDiablo tinha o cabelo preto liso e os olhos dourados de todas as raças de vida longa, mas a pele era de um castanho bronzeado mais claro e as orelhas delicadamente pontiagudas revelavam que descendia de alguém dos Dea al Mon, uma raça de guerreiros amiúde chamada de Crianças da Floresta. Era inteligente, de um modo geral simpática, embora esprevidada, e, por vezes, revelava mais coragem do que juízo.

Claro que ele também, caso contrário não estaria a ajudá-la a construir uma jangada que quase de certeza se iria despedaçar assim que chegassem aos rápidos e à catarata.

«O teu pai corre riscos calculados, nunca tolos», dissera-lhe, certa vez, o avô. «Ele avalia os riscos segundo a força e a capacidade de que dispõe, bem como a força e as capacidades de quem o acompanha. Ele espera que o imites à medida que vais crescendo.»

– Há uma diferença entre correr riscos calculados e riscos tolos – parafraseou Daemonar, fazendo eco das palavras que lhe continuavam na memória. – Ou demoramos o tempo suficiente a fazer disto um risco calculado ou então acabou-se.

Ela não desistiria. Não por completo. Se ele insistisse em acabar com o empreendimento naquele dia, ela faria uma jangada para se atirar ao rio sem ele num outro lugar, e tal era inaceitável. Ela fazia parte da família, e era seu dever e privilégio honrá-la, amá-la e protegê-la.

– Mas...

– O que vamos dizer aos nossos pais se algum de nós se magoar por teres sido impaciente? – interrogou-a ele.

Jaenelle Saetien endireitou-se e suspirou.

– Isso é um golpe baixo.

Normalmente era esse o caso da verdade, quando esta era inconveniente.

Jaenelle Saetien podia querer experimentar coisas arriscadas, mas cederia caso *ele* ficasse em apuros por causa das ações *dela*. Bem, ela cederia quase sempre, a menos que o impulso de *fazer* alguma coisa se sobrepujasse a todo e qualquer vestígio de bom senso que a devesse alertar para a reação do pai em relação a um determinado esquema.

Era filha do Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan, e, embora adorasse o pai, por vezes, ser filha de um homem poderoso era um fardo. Daemonar compreendia bem esse tipo de fardo. Ele próprio era filho do Príncipe dos Senhores da Guerra de Askavi – o temido Príncipe Demónio de

Askavi. Além de irmãos unidos pela família e pelo serviço a uma Rainha como nunca houvera na história dos Sangue, eram também os mais poderosos e perigosos homens de todo o Reino de Kaeleer.

Não obstante, continuavam a ser homens, e pais, e se os filhos sentiam uma necessidade imprudente de explorar o que podia bem ser feito com Arte, bem, essa inclinação viria deles, não seria verdade?

Empregaria essa justificação se dispusesse da oportunidade de defender o motivo por que estava a entrar naquela aventura descabida antes que o tio ou o pai o matassem mais do que morto.

Jaenelle Saetien voltou a suspirar. Depois encolheu os ombros, aceitando a necessidade de se esforçar antes de se divertir, e começou a ajudá-lo a separar os ramos para que se encaixassem melhor, servindo-se da Arte para lhes dar a forma ideal enquanto ele envolvia o cordel com o poder da sua Joia Verde de Direito de Progenitura para o fortalecer sem o engrossar.

Por fim, satisfeito com o resultado final da jangada, decidindo que não a poderiam ter feito melhor, prendeu o derradeiro ramo.

– Parece que estamos prontos.

Daemonar olhou para Jaenelle Saetien. Ela olhou para ele. E ambos sorriram.

Daemonar usava uma Joia Verde. Ela usava uma Joia de Direito por Progenitura extraordinária chamada Despertar do Crepúsculo, dotada de uma gama de poder que ia do Rosa ao Verde. Fora um presente de Feiticeira, Rainha dos Ebon Askavi, o mito vivo. A Tia J. já não se encontrava entre os vivos, mas continuava a ser a sua Rainha. Seria sempre a sua Rainha. E tal era um segredo conhecido apenas pelos outros dois homens que também ainda a serviam – o pai e o tio.

Era agora a vez de Jaenelle Saetien aceder à força Verde na sua Joia para o ajudar a erguer a jangada no ar e levá-la até à água. Daemonar estabilizou a jangada até que ela subisse e se equilibrasse. Depois foi a vez de ele a seguir, as pernas abertas em posição de combate, as asas membranosas negras meio abertas para ajudar a equilibrar a embarcação. Invocando o derradeiro ramo que haviam recolhido, mas não fora usado, Daemonar afastou-os da margem, largou o ramo e levou as mãos à cintura da prima.

– Que maravilha! – exclamou Jaenelle Saetien enquanto flutuavam rio abaixo.

Daemonar perscrutou o rio e as margens, atento a tudo o que pudessem ser obstáculos que virassem a jangada, bem como a algum eyrieno que os pudesse ter avistado e alertado o pai através de um fio de comunicação psíquica.

Sentiu a alteração no rio, viu a água branca e as pedras segundos antes de Jaenelle Saetien exclamar:

– Oh-oh.

Envolveu-lhe a cintura com o braço e agarrou-lhe um pouco da túnica, desejando que ela tivesse vestido algo com cinto. É sempre mais fácil agarrar alguém com um cinto. Não se esqueceria da próxima vez.

– Cá vamos nós – anunciou ele ao chegarem aos rápidos.

Daemonar inclinou-se para um lado e para o outro, servindo-se do corpo para orientar como pôde a jangada entre as pedras.

Não é fácil, pensou, entusiasmado com o desafio. *Não é fácil, mas valham-me as Trevas, que divertido.*

À frente deles viu céu e a neblina criada pela cascata. Mais uma passagem apertada e...

Inclinou-se para um lado. Jaenelle Saetien atrapalhou-se e inclinou-se para o outro. Ao invés de passarem à justa ao lado de uma pedra, os primos foram bater na pedra com força, obrigando-o a empregar todas as suas competências para impedir que a jangada se virasse e os atirasse contra as pedras ou para a água rápida.

Foram bater em nova pedra e giraram – e a jangada começou a partir-se, com o cordel a rebentar com a pressão, não obstante o revestimento de poder Verde.

– Agarra-te! – gritou Daemonar, envolvendo-a com ambos os braços enquanto a jangada chegava ao fim dos rápidos e dava início à descida da queda-d'água.

Acompanharam a jangada durante parte do mergulho. Depois, o poder Verde com que ele imbuíra o cordel desvaneceu-se e a frágil embarcação despedaçou-se.

Deviam seguir à frente dos ramos ou atrás? Se fossem à frente teriam a madeira a cair em cima deles e, mesmo que ele criasse um escudo, um dos primos podia ser atingido na cabeça se emergissem mesmo à frente dos ramos mais pesados.

Pois então seria atrás.

Daemonar abriu as asas, batendo-as com força para ganhar altura – ou, pelo menos, para atrasar o suficiente a queda na água para que os ramos fossem arrastados mais para jusante.

Jaenelle Saetien era mais nova do que a irmã dele, Titian, mas as meninas tinham aproximadamente o mesmo tamanho. Nunca as considerara grandes, mas, que lhe valesse o fogo do Inferno, mal conseguia sustentar aquele peso – e não seria capaz de aguentar muito mais.

Daemonar avaliou a distância até à água, usou o poder da Joia para criar um escudo Verde em bolha e depois fechou as asas.

Jaenelle Saetien gritou sempre enquanto caíram.

Agarra..., começou Daemonar a dizer num fio psíquico.

Não restava tempo. Caíram na água e afundaram-se como uma pedra até meio do lago, altura em que o escudo os fez regressar à superfície. Rolaram um pouco na bolha criada pela Arte, até que ele eliminou o escudo e os primos se afundaram pela segunda vez.

– Estás bem? – perguntou ele quando chegaram à superfície.

Ela inclinou a cabeça para trás e gritou, um som prenhe da alegria que ele também sentia.

– Foi espetacular! Daemonar, vamos...

– Valha-me o fogo do Inferno – resmungou Daemonar ao avistar movimento na margem do rio.

– O que foi? – Jaenelle Saetien virou-se para olhar na mesma direção.
– Oh-oh.

– Pois. Oh-oh.

Na margem encontrava-se Lucivar Yaslana, Príncipe dos Senhores da Guerra de Askavi, a observá-los. Não gritou, não os chamou com um movimento da mão. Limitou-se a olhá-los.

Isso não podia ser bom.

– Anda – indicou Daemonar. – É melhor não o deixarmos à espera.

Nadaram até à margem, lutando contra a corrente a cada braçada. Ou melhor, *ele* lutou contra a corrente, a caminho do ponto onde o pai o aguardava. Jaenelle Saetien ou não tinha força suficiente ou não se estava a esforçar por chegar a um ralhete garantido, pelo que o rio a afastou do tio. Lucivar acompanhou-a, deixando-a debater-se – mais do que o necessário, assim julgava Daemonar –, até que finalmente ela chegou a terra.

Lucivar baixou-se e ergueu-a para a margem.

Daemonar permitiu que a corrente o levasse até àquele sítio. Quando Lucivar estendeu o braço, Daemonar aceitou a mão do pai, incapaz de decifrar a expressão naqueles olhos dourados. O pai tinha um feitio volátil, mesmo segundo os padrões eyrienos. O que ele sentia devia estar patente e não estava – o que o preocupava.

– A culpa foi minha, Tio Lucivar – admitiu Jaenelle Saetien. – A ideia de construir a jangada foi minha.

– Imaginei. – Lucivar mirou-os de alto a baixo. Satisfeito por não haver lesões aparentes, observou o rio e disse calmamente: – Escuta bem, feiticeirinha. Se voltas a testar este rio e esta queda-d'água, ou qualquer rio ou cascata de Askavi, sem a minha autorização, ficas banida de Askavi por um ano. De todos os cantos de Askavi, incluindo de minha casa. Percebeste?

Daemonar ficou de boca aberta, imaginando que a expressão dele estivesse a condizer com a de Jaenelle Saetien. Sem visitas *durante um ano*?

– Mas... – ainda começou Jaenelle Saetien a dizer.

– Fiz. Me. Entender?

Ai, valesse-lhe o fogo do Inferno. *Havia* mau humor por baixo da calma.

– Sim, senhor – respondeu ela.

– Então vamos para casa vestir roupas secas. – Lucivar envolveu-os com escudos Vermelhos e levou-os com ele ao apanhar o Vento Vermelho, uma das estradas psíquicas das Trevas, para regressar à casa dos Yaslana.

Os Ventos estavam ligados ao poder nas Joias usadas pelos Sangue. Quanto mais escuro o Vento, mais depressa se viajava. Ao seguirem no Vermelho, que Daemonar nunca poderia invocar sozinho já que o Vermelho era mais escuro do que o seu Verde, chegaram a casa demasiado depressa. Não se sentia pronto para o que sabia estar à espera dele.

Chegados à casa, Lucivar deixou Jaenelle com a mãe de Daemonar, Marian, e depois olhou para o filho.

– Vai arranjar-te. Fico à tua espera no meu estúdio.

– Sim, senhor. – Não havia mais nada a dizer.

– Será que quero saber o que vocês dois andaram a tramar? – perguntou Marian.

– Não, Tia Marian, não queres – garantiu Jaenelle Saetien.

– Eu quero saber! – exclamou Andulvar, juntando-se a eles na grande sala de entrada.

Eu depois conto-te, prometeu Daemonar num fio psíquico.

Cheirava a rio, o que não era de todo mau, mas como estaria fechado num espaço com o pai e não sabia que tipo de discussão o esperava, Daemonar tomou um duche rápido antes de se vestir e de se apresentar no estúdio do pai.

Regra geral, gostava da divisão em que o pai tratava dos assuntos da governação de Ebon Rih, o vale que vivia à sombra da montanha chamada Ebon Askavi. Também conhecida como a Fortaleza, Ebon Askavi continha uma vasta biblioteca, servia de repositório da história dos Sangue, era o santuário dos Sangue de Joias mais escuras – e era o antro privado de Feiticeira.

Amiúde fazia os deveres escolares no estúdio do pai, sossegado enquanto o Senhor Rothvar, segundo-comandante de Lucivar, apresentava os seus relatórios sobre as aldeias plebeias e dos Sangue no vale ou recebia ordens para os outros eyrienos que protegiam Ebon Rih. Os homens sabiam que ele os ouvia e ele sabia que tudo o que fosse considerado privado era debatido num fio de comunicação psíquica. Também sabia que sempre que Lucivar, que tinha dificuldade a ler, lhe pedia que lesse um documento em voz alta, isso não só servia

para ajudar o pai, como também se destinava a dar-lhe um vislumbre do que implicava ser um líder.

Talvez um dia, caso se revelasse digno, fosse ele a governar Ebon Rih, enquanto Lucivar mantinha a lei e a ordem dos Sangue no resto de Askavi.

Uma vez que não teria como avaliar até que ponto estaria em apuros ali à frente de uma porta fechada, Daemonar bateu, esperou pela permissão para entrar e avançou.

Lucivar não estava sentado à secretária; estava encostado a ela e mirou com atenção o rapaz antes de abanar a cabeça.

– Conta-me tudo.

Daemonar assim fez, desde o nascer da ideia até à construção da jangada. Chegou a acrescentar as palavras ditas sobre a diferença entre riscos calculados e riscos tolos – e ouviu o pai a soltar um ronco no seu esforço de reprimir uma gargalhada.

Continuava sem haver sinais de fúria ou de desilusão, nada, exceto... diversão?

– Abre os braços – ordenou Lucivar.

Daemonar obedeceu e não disse nada enquanto Lucivar lhe passava as mãos pelos ombros e pelos braços, dirigindo-se depois aos músculos dorsais.

– Amanhã vais estar dorido, rapazola – comentou Lucivar. – Ainda não tens músculos, nem força para carregar tanto peso em segurança.

– Não a deixaria cair – retrucou Daemonar num tom defensivo.

– Não, terias caído com ela, pois tu és assim. – Lucivar voltou à frente do filho e fitou os olhos de Daemonar. – É mais inteligente usar a Arte e o reservatório do poder nas tuas Joias para erguer uma coisa demasiado pesada para ser erguida de outra forma. Assim sendo, parece que é sobre essas lições acerca da Arte que vamos trabalhar esta semana.

As mãos de Lucivar assentaram nos ombros do rapaz e a força e o poder que Daemonar nelas sentiu serviram de lembrete para quanto ainda tinha de crescer.

– Divertiram-se a lutar contra os rápidos? – perguntou Lucivar, o tom gentil ainda a preocupar o menino.

– Sim, senhor. – Daemonar ostentou um sorriso rasgado. Era incapaz de se conter.

– Nesse caso, parece que também tens de aprender a construir uma jangada melhor.

Daemonar observou o pai.

– Não estás zangado.

Lucivar recuou e voltou a encostar-se à secretária.

– Não posso irritar-me por tu e a Jaenelle Saetien fazerem a mesma coisa que eu e a tua tia Jaenelle fazíamos. Só que nós fizemos os rápidos e a queda-d'água numa jangada feita só com galhos e Arte. Por duas vezes.

– Duas vezes? – O tom da voz de Daemonar subiu ao ponto de falhar. – Valha-me o fogo do Inferno! Uma vez já seria uma estupidez, mas... – Calou-se e lembrou-se de quem era a pessoa a quem se estava a dirigir. – Quero dizer...

– Foi uma ideia estúpida. De ambas as vezes. Mas imagino que o tenha feito pelos mesmos motivos que tu. Aquele brilho nos olhos que nos diz que ela vai avançar connosco ou sozinha e imaginá-la a fazer aquilo sem a competência e a força que nós lhes poderíamos...

– Não. – Daemonar abanou a cabeça. – Não podíamos fazer isso.

Lucivar sorriu.

– Pois não, não podíamos fazer isso. Mas às vezes isso implica estabelecermos um limite e sermos capazes de obrigar alguém que amamos a ficar quieto, se for essa a única maneira de o protegemos. – Desviou o olhar, parecendo ver algo que não estava no estúdio. – A Jaenelle Saetien lembra-me a Jaenelle Angelline em muitas coisas, mas elas não são iguais. A minha irmã era brilhante no que diz respeito à Arte e aos feitiços e ao uso do poder, e fazia coisas que mais ninguém em toda a história dos Sangue alguma vez fizera. Coisas que mais ninguém voltará a fazer. As ideias dela nem sempre resultavam, mas a Jaenelle Angelline não era impetuosa nem descuidada. A Jaenelle Saetien é uma criança como a Jaenelle Angelline nunca poderia ser, pois a tua prima está a crescer em segurança sob a proteção do pai.

– E nós também estamos. A crescer em segurança. – O Tio Daemon não era o único Príncipe dos Senhores da Guerra que velava pela família.

Lucivar riu-se baixinho e depois ficou sério.

– Sim, vocês estão seguros, e não sei se alguma vez terás noção do que isso significa para mim e para o teu tio. Terás as tuas cicatrizes. Crescer é mesmo assim. Mas não terás o tipo de cicatrizes que eu e o Daemon temos. Não terás de viver com esse tipo de cicatrizes.

Conversa séria.

– Poderás um dia contar-me sobre essas cicatrizes?

Algo nos olhos de Lucivar fê-lo interrogar-se se teria ultrapassado algum limite.

– Isso é conversa para se ter à volta de uma fogueira – lá respondeu Lucivar. – Conversa privada. Mas só quando fores mais velho. – Afastou-se da secretária. – Tenho de ir a Dhemlan. É melhor que o teu Tio Daemon fique a saber desta aventura por mim do que pela boca de outro qualquer, já que eu sei o que dizer para amenizar as coisas.

Ele e a irmã, Titian, e o irmão mais novo, Andulvar, estavam protegidos em casa do pai, mas lá fora...

– Devias falar com a Titian. – As palavras saíram-lhe da boca antes de ponderar se estaria a proteger a irmã ou a trair a confiança. Mas a conversa sobre cicatrizes e sobre crescer fê-lo pensar que era algo que não devia continuar a guardar para ele.

– Depois – escusou-se Lucivar, dirigindo-se à porta. – Se a Titian quiser falar, eu estou de volta antes da vossa hora de deitar.

– Não, senhor. – Daemonar hesitou quando pai se voltou e o encarou: um Príncipe dos Senhores da Guerra de Joia Ébano-Acinzentada a reagir ao som de um desafio proposto por um Príncipe dos Senhores da Guerra de Joia Verde. Depois avançou. – Devias falar com ela antes de saíres para Dhemlan.

Fez-se um silêncio elétrico enquanto o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih o avaliava.

– É assim tão importante? – acabou Lucivar por perguntar.

Seria? Titian começara por se mostrar entusiasmada e feliz com o seu segredo, mas ultimamente revelara-se infeliz e receosa do que Lucivar e Marian diriam quando o descobrissem.

– Sim, senhor. Julgo que sim.

– Muito bem. – Lucivar saiu do estúdio.

Daemonar dobrou-se e apoiou as mãos nas coxas. Desafiar um macho tão forte e poderoso como o pai era uma forma atroz de suicídio, e nem um filho podia dar como garantido escapar-se sem pagar um preço elevado.

Mas ele escapara-se. Era verdade que já discutira bastantes vezes com o pai, chegando até a provocá-lo em várias ocasiões, mas o que era ignorado num menino – pelo menos até certo ponto – não era tolerado num jovem, sobretudo alguém com uma Joia escura. Mesmo estando ainda a muitos anos desse dia, quanto mais perto estivesse de ser considerado adulto, mais perigoso era testar o feitio do Ébano-Acinzentado.

Vai correr tudo bem, pensou Daemonar ao sair do estúdio e entrar na cozinha à procura do que a mãe poderia ter para o lanche. *O pai sabe o que fazer com a Titian.*

Ao avistar a filha no extremo do pátio onde as crianças brincavam, no ponto onde um ribeiro enchia um pequeno tanque antes de continuar montanha abaixo, Lucivar pensou nas mensagens – intencionais ou não – que captara de Daemonar.

O que fora dito para levar Daemonar a estabelecer um limite? Pequeno, é certo, mas aquilo era diferente das trocas habituais. O rapaz sabia alguma coisa acerca de Titian, algo que não fora partilhado nem com ele nem com Marian.

O rapaz não queria deixar a irmã em apuros para desviar a atenção da escolha estúpida que fizera. A exigência de que falasse já com a rapariga era... protetora. Preocupada.

Titian era a sua feiticeirazinha sossegada, um contraste gentil com os irmãos. Porque estaria Daemonar preocupado com ela?

Lucivar não queria aproximar-se sem que a sua presença fosse notada, mas Titian estava de tal modo embrenhada no papel à frente dela que só se apercebeu do pai quando a sombra a cobriu. Então arquejou, fechou o bloco e encolheu-se como se tivesse sido apanhada a fazer alguma coisa de vergonhoso.

Lucivar baixou-se e apoiou-se num joelho, interrogando-se quanto à angústia que lhe viu no rosto.

– O que estás a fazer, feiticeirazinha? – perguntou calmamente.
– Mostras-me?

– Não é eyrieno – murmurou ela, relanceando-o.

As lágrimas que marejaram os olhos da menina dilaceraram-lhe o coração.

– Está bem.

Titian abriu o bloco e desviou o olhar.

Lucivar franziu o sobrolho ao olhar para o desenho meio terminado do tanque e das flores que Marian plantara para dar um toque de cor a um sítio onde todos gostavam de estar no verão.

– Desculpa, feiticeirazinha, mas não percebo o motivo por que isto te deixa triste. Acho que capturaste muito bem o tanque e as flores da tua mãe. Não sou perito nestas coisas, mas consigo ver a diferença entre as flores, e...

– Um eyrieno a sério nunca ia querer desenhar *flores* – atalhou Titian.

Lucivar reprimiu implacavelmente a fúria que lhe ferveu no âmagos antes que ela a pressentisse.

Já sabia a razão que levava a que Daemonar o tivesse pressionado.

Cicatrizes.

O rapaz soubera dos desenhos e não denunciara a irmã – e porque haveria de o fazer? –, mas agora precisava que mais alguém ficasse a par da mágoa. O que significava que essa mágoa era recente.

Lucivar soltou um ronco, um som que rejeitava o que estava a ser insinuado.

– Quem disse isso não conhece grande coisa acerca dos Eyrienos.

O olhar sobressaltado da filha fê-lo puxar a trela do temperamento até que lhe doeu. Muito bem. Fora outro *eyrieno* que espetara essa farpa de dúvida no coração da filha.

Lucivar passou a mão pelo cabelo preto entrançado da filha.

– Escuta, Titian. Estás a ouvir? – Esperou que ela aquiescesse. – Em Terreille, só as eyrienas das famílias aristocráticas tinham aulas de desenho e aulas de música, pois pressupunha-se que elas serviriam nas cortes e seriam companhia das Rainhas. Havia rapazes que também tinham aulas, mas eles, de um modo geral, usavam as competências aprendidas para fazer esboços dos acampamentos de caça ou dos campos de morte como uma espécie de registo dos homens e das batalhas. Não te sei dizer o que as raparigas desenhavam, pois nunca tive grande coisa que ver com elas.

– Somos aristocratas – disse Titian baixinho.

– Pois somos, algo que o teu Tio Daemon faz por me lembrar de vez em quando. – Um dedo no queixo fê-la erguer a cabeça até que o olhasse. – Se queres desenhar, porque estás triste?

– Porque ias ficar desapontado comigo quando descobrisses.

Lucivar não ficaria mais consternado se ela lhe tivesse batido com uma pedra. Precisou de um instante para recuperar a voz.

– Olha, feiticeirazinha, só me desapontavas se deixasses que a maldade de alguém te afastasse de fazer aquilo de que gostas. Se não se sentes capaz de enfrentar sozinha essa maldade, procura-me e eu apoio-te no que for preciso.

De repente Lucivar ficou com os braços cheios de uma menina que se esforçava por deixá-lo sem fôlego.

– Obrigada, Papá.

Não via que tivesse feito alguma coisa que merecesse um agradecimento, mas abraçou-a e deixou-a choramingar até que os sentimentos da filha se acalmassem. Os dele ferviam com uma fúria que precisaria de um escape, mas depois trataria do assunto.

– Vou falar com o teu Tio Daemon – informou Lucivar. – Deixas-me mostrar-lhe os teus desenhos?

Titian hesitou, mas depois saiu dos braços do pai e entregou-lhe o bloco.

– Trá-lo de volta?

– Eu trago-o de volta. – Hesitou. Andulvar era demasiado jovem para aquela aventura no rio, mas porque não fora Titian convidada? – A Jaenelle Saetien e o Daemonar já voltaram. Eles disseram-te que iam ao rio?

Titian confirmou com um aceno de cabeça.

– O Daemonar disse que achava que eu hoje não me ia divertir a ajudar a Jaenelle Saetien, mas prometeu que me levava ao rio noutro dia, para eu desenhar a cascata.

Ele e o primogénito teriam uma conversinha sobre a partilha de informações no seio da família.

– Talvez possamos ir todos uma tarde destas. A tua mãe e eu podemos preparar um cesto e fazemos um piquenique junto ao rio.

Titian ofereceu-lhe aquele sorriso tímido, mas radiante – o sorriso que dizia que ainda acreditava que o seu papá era capaz de resolver tudo.

– Anda. – Fez desaparecer o bloco de desenho e acompanhou-a de volta à casa. – A menos que a tua mãe os tenha impedido a tempo, por esta altura, os teus irmãos tiraram tudo do refrigerador e metade do que estiver na despensa e espalharam a comida toda pela cozinha à procura de um lanche. Mais vale que reclames o teu quinhão.

Ela podia ser gentil e um pouco tímida, mas, quando entraram na cozinha, Titian não receou enfrentar a prima ou os irmãos para conseguir o que queria. Para Lucivar, esse era o primeiro passo para aprender que também se podia impor contra a maldade dos estranhos.

– Não – exclamou Marian, batendo com o dedo na mesa da cozinha. – São estas as escolhas que têm para o lanche. Comam o que estiver na mesa ou esperem pelo jantar.

Daemonar, Jaenelle Saetien e Andulvar desviaram o olhar do bolo a arrefecer na bancada.

– Mas... – tentou Jaenelle Saetien dizer.

Marian voltou a bater na mesa.

– É isto que está na mesa ou nada. – Viu Lucivar e Titian a entrarem na cozinha. Conhecia aquela expressão no rosto do marido, mas supervisionou a peleja pela divisão e reparou que Daemonar não olhou para o pai nem para a irmã – e viu a forma como afastou a prima e o irmão mais novo, mas deixou que Titian levasse o segundo pedaço do lanche preferido.

Depois de todos terem escolhido o lanche, Marian criou um escudo Violáceo em torno do bolo e saiu para o corredor, dirigindo-se à lavandaria. Um escudo Violáceo não servia de grande barreira contra as Joias que Daemonar e Jaenelle Saetien usavam, mas a *quebra* desse escudo para chegarem a uma guloseima que já lhes fora negada serviria apenas para que sofressem a ira de Lucivar.

Lucivar entrou na lavandaria momentos depois dela. Após séculos de casamento, ela continuava a sentir um formigueiro na barriga quando o via, ainda se recordava de como ele se recusara a vê-la como «uma mera feiticeira doméstica» e a pressionara a encontrar a sua força e a defender-se – e a ele. Enquanto segundo homem mais poderoso de Kaeleer, Lucivar precisava de

alguém a quem amar sem reservas. Alguém que também pudesse aceitar ser amada por um homem como ele.

O Príncipe dos Senhores da Guerra de Askavi. O Príncipe Demónio de Askavi. As suas vidas haviam mudado quando ele aceitara a necessidade de controlar todo o Território de Askavi ao invés de governar apenas Ebon Rih. Marian nunca tivera muitos amigos, mesmo entre os eyrienos. As feiticeiras das famílias aristocráticas rihlander – a outra raça que vivia em Askavi – não tinham grande coisa em comum com uma feiticeira cuja inclinação tendia para as competências domésticas, como cozinhar e gerir uma casa, e cada geração dessa raça de vida curta especulava quanto ao motivo por que Lucivar Yaslana se casara – e se mantivera casado – com alguém como ela. À parte Nurian, a Curandeira eyriena, a única outra eyriena a viver nas casas próximas era Dorian, esposa do Senhor Endar. Não havia nada de *mal* com Dorian, pesasse embora o facto de, ultimamente, a mulher parecer zangada com tudo e com todos, mas Marian nunca se sentira confortável junto dela pois tinha o mesmo nome que a mãe de Marian, e era incapaz de descartar as recordações da sua vida antes de Feiticeira a ter salvado e levado para Kaeleer.

Não era fácil ser esposa do governante de um Território, mas o homem... Ah, o homem mais do que compensava quaisquer dores de cabeça que acompanhassem o título.

– Uma vez que nenhum deles precisou de uma Curandeira, devo depreender que a aventura do Daemonar e da Jaenelle Saetien foi bem-sucedida?

Lucivar soltou uma gargalhada abafada.

– Se a bitola for essa, então, sim, foi um êxito.

Valham-me as Trevas.

– Será que eu quero saber?

– Não, não queres, mas, se eles não te contarem, eu explico-te tudo quando regressar. Por agora, tenho de ir a Dhemlan explicar esta aventura ao Daemon.

Marian levou a mão a uma das selhas e recordou que um dia que não acabasse com um dos filhos a testar os limites a ponto de precisar de uma Curandeira... era provavelmente um dia em que os miúdos estavam de visita aos tios e só muito depois ela ficava a par do que se passara.

– E a Titian?

Lucivar acercou-se da esposa.

– Está bem. Ela herdou alguns dos talentos da mãe, mas expressa-os de maneira diferente.

Ora aí estava algo intrigante.

– Tenho de ir. – A voz grave de Lucivar saiu-lhe roufenha. Mas o beijo

que lhe deu foi quente e preme de promessas. – Posso não chegar a tempo do jantar, mas volto ainda esta noite.

– E falamos então?

Lucivar ofereceu-lhe o sorriso indolente e arrogante que significava sempre problemas. – Claro.

Saiu pela porta lateral para apanhar os Ventos e vogar na Teia Ébano-Acinzentada até ao Paço SaDiablo em Dhemlan. Marian voltou à cozinha para ver se restaria alguma coisa que guardar e ficou surpreendida ao encontrar Daemonar a juntar a comida que sobrara num prato com tampa para a guardar no refrigerador.

Daemonar mirou-a com um olhar que lhe recordava que ele já não era um menino – que ele, em muitos aspetos, era bem filho do seu pai.

– O pai contou-te? – perguntou Daemonar.

– Deixou essa tarefa nas tuas mãos – foi a resposta.

Novo olhar de avaliação. Depois, Daemonar tirou um prato limpo do armário, escolheu parte da comida que ia guardar, e pousou o prato à frente dela, indo depois buscar copos de água para ambos.

E então ela sentou-se, comeu e ficou a ouvir o seu primogénito a contar-lhe tudo.

Lucivar saiu do Vento Ébano-Acinzentado para a teia de aterragem de pedra à frente do Paço SaDiablo. Construída milhares de anos antes por Saetan Daemon SaDiablo como lar para a família, a casa era uma estrutura imponente de pedra cinzenta, com tantas alas, divisões, pátios interiores e jardins que quase passava por aldeia – na verdade, e mesmo só tendo três residentes da família, a casa era a principal fonte de rendimento e de emprego para os habitantes da povoação vizinha de Halaway.

O Paço servia ainda de testemunha silenciosa das diferenças entre a sua vida e a de Daemon.

A sua casa tinha quartos que não ficavam atrás de uma mansão modesta, mas continuava a ser pequena o suficiente para que Marian pudesse cuidar da gestão familiar e da cozinha com a ajuda dele e dos filhos. Por vezes contava com «ajudantes» de Riada, a aldeia dos Sangue mais próxima, em Ebon Rih, mas esses eram jovens que queriam aprender a Arte doméstica com Marian – ou então estavam dispostos a trocar o seu tempo por aulas de tecelagem, já que Marian estava a ficar conhecida como «artista do tear».

Durante muitos anos, ele tivera de cuidar de uma casa e de governar o vale

de Ebon Rih. Tinha ainda uma propriedade em Dhemlan com vinhedos para a produção de vinho, mas ele não a geria diretamente, tal como não geria a casa urbana de Amdarh, mesmo tendo o usufruto de um lado da construção.

Ainda agora, mesmo tendo de governar toda a Askavi, o seu lar e o seu trabalho eram relativamente simples e concretos.

A vida de Daemon era muito mais complicada.

O Paço, residência oficial e principal de Daemon Sadi, empregava perto de duas centenas de pessoas que cuidavam do edifício, preparavam as refeições, trabalhavam nos estábulos e mantinham os terrenos e os jardins, tanto os jardins exteriores como os pátios interiores que davam luz e um vislumbre de natureza a quartos, salas, estúdios e restantes divisões contidos na estrutura maciça.

Além de lidar com os funcionários seniores do Paço – tarefa que já era suficientemente exigente tendo em conta as personalidades desses elementos –, Daemon também tratava da casa cidadina e seu pessoal, das propriedades da família em Dhemlan, de uma propriedade gerida como escola autossuficiente para crianças Sangue mestiças, e uma escola na ilha de Scelt que treinava e formava crias de scelties. Era ainda dono ou coproprietário de vários negócios espalhados pelo Reino de Kaeleer, bem como de algumas quintas e negócios que ele sustentava em Dena Nehele e Shalador Nehele, no Reino de Terreille. A par de tudo isso, Daemon geria a vasta fortuna da família SaDiablo, trabalhando com o seu homem de negócios pessoal e com a empresa que geria parte dessa fortuna desde que Saetan os contratara, havia séculos.

Tamanha responsabilidade asoberbaria muitos homens, mas Daemon gostava verdadeiramente do trabalho, dos desafios apresentados pelos negócios. Chegavam quase a ser uma forma de se descontraír das obrigações inerentes ao facto de ser Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan e ter de lidar com as Rainhas de Dhemlan, bem como com as Rainhas que governavam os outros Territórios de Kaeleer.

Eram quase uma forma de descansar dos deveres que acompanhavam a posição de Senhor Supremo do Inferno – um título que Daemon assumira quando Saetan teve a sua derradeira morte. Um título, uma verdade e um segredo conhecidos de apenas uma mancheia de vivos. Sadi daria tanto tempo quanto possível à filha para que crescesse antes de esse título lhe ensombrar a vida. Vendo a sombra que o seu título de Príncipe Demónio lançava sobre os filhos, Lucivar compreendia bem essa escolha.

A juntar às complicações na sua vida, Daemon Sadi fora danificado por uma infância selvaticamente torturante e por séculos a ser usado como escravo de prazer, com a sua mente brilhante a ter sido quebrada e reparada três vezes,

com a última reparação a deixá-lo frágil de um modo que o tornava extremamente perigoso para todo o Reino.

Mas Sadi era irmão de Lucivar. Ele amava esse homem e ficaria a seu lado contra tudo e todos – exceto a Rainha que serviam.

Uma sonda psíquica ao nível do Vermelho disse-lhe que Daemon estava em casa e que Surreal SaDiablo, a parceira de Daemon e sua segunda-comandante de Joia Cinzenta, estava ausente.

Oficialmente, Surreal era esposa de Daemon, e Sadi dava-lhe tudo aquilo a que uma esposa tinha direito por parte de um marido, incluindo o corpo. Amavam-se, mas nunca haviam estado apaixonados um pelo outro, e isso fizera toda a diferença quando erros cometidos por ambas as partes levaram Surreal a ver toda a verdade sobre o homem com quem ela se casara e a desenvolver um medo profundo de certos aspetos do temperamento de Daemon – e levava Daemon a uma espiral de autodestruição que terminara com ele a estilhaçar a mente quase sem reparação possível.

O facto de Daemon ter pedido ajuda, que deveria ter sido impossível, a uma Rainha que quase todos julgavam ter desaparecido de todos os Reinos acabara por tê-los salvado. Feiticeira interviera e reparara a mente de Daemon, tal como já o fizera por duas vezes. Mas tudo tem um preço, e o regresso da Rainha que era o amor da vida de Daemon, mesmo sendo ela agora uma presença sem carne, mudara por completo a relação de Sadi com Surreal.

Daemon ainda se referia a Surreal como sendo sua esposa. Lucivar não era capaz. Quando as coisas se acalmaram, e quando se estabeleceram as rotinas que manteriam Daemon são, Lucivar descobriu que havia limites que seria incapaz de transpor. Amava Surreal como a uma irmã, defendê-la-ia contra qualquer um, salvo Daemon, mas via as diferenças na relação de Daemon com Surreal e comparava-as com a relação que tinha com Marian e com os sentimentos que nutria por ela.

Ele e Marian tinham um casamento – um compromisso mútuo – na mais pura aceção do termo. Daemon e Surreal tinham uma parceria que incluía sexo e a educação da filha. Mas na presença de Surreal, Daemon não podia ser tudo o que era, e a consciência da necessidade de alguma distância para a manter em segurança – e para manter afastado o medo que ela sentia dele – maculara tudo o que haviam sido um para o outro nos últimos anos.

Lucivar abanou a cabeça. Não valia a pena esfregar até doer.

A porta abriu-se antes de ele lhe poder bater. Beale, o Senhor da Guerra de Joia Vermelha que trabalhava como mordomo do Paço, observou-o por um instante antes de se afastar.

Beale era uma das pessoas que Daemon encarregara de o alertar quando o

controle lhe escapasse e precisasse de algum tempo sozinho para recuperar o equilíbrio. Lucivar era outro que aceitara a responsabilidade. Ele aparecia com frequência no Paço para uma refeição ou para uma visita rápida, mas aquele primeiro encontro entre mordomo e irmão continha sempre uma questão não-verbal sobre o homem que era o Senhor Supremo do Inferno, bem como Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan – e que, na sua faceta mais letal, era conhecido como o Sádico.

– O Príncipe Sadi está a trabalhar no estúdio – informou Beale. – Mando levar café?

– Pelo fogo do Inferno, não – retorquiu Lucivar. – Preferia que ele não estivesse completamente sóbrio quando lho explicasse. – Abanou a cabeça ao ver a efêmera expressão de alarme de Beale. – Os miúdos estão bem, e não é nada que não possas imaginar. A mesma história, um pai diferente.

– Estou a ver. Talvez deva pedir à senhora Beale que prepare algo... retemperador... para o jantar do Príncipe. Fica para jantar?

O tom era de questão, mas apenas isso.

– Contava voltar a casa a tempo da hora de deitar dos meninos.

– Então um repasto antecipado. Uma vez que o príncipe já solicitou que a refeição fosse simples, não será visto como uma imposição.

Lucivar arreganhou os dentes no que poderia ser confundido com um sorriso. Beale reconheceu o alerta e não se deixou impressionar. Claro que ele era casado com a senhora Beale, a cozinheira do Paço. E que excelente cozinheira ela era. Também era uma mulher corpulenta de Joia Amarela que tendia a levar o cutelo sempre afiado para todas as discussões.

– Muito bem – disse Lucivar. – Por favor, agradece à senhora Beale por me incluir.

– Será um prazer.

A abanar a cabeça, Lucivar dirigiu-se ao estúdio, bateu com brevidade à porta com os nós dos dedos e entrou.

– Olá, Bastardolas.

Daemon ergueu o olhar de um monte de papéis e começou a sorrir. Depois, o rosto belo ficou vazio.

– Eles estão bem. – Interrogando-se quantas vezes teria de repetir a frase nesse dia, Lucivar acercou-se da grande secretária preta, encheu um balão com brandy até à borda e pousou-o à frente de Daemon. – É melhor beberes um bocado disso antes de falarmos.

Daemon mirou o brandy e depois olhou para o irmão.

– Mas os meninos estão bem?

Lucivar encheu outro balão e instalou-se na cadeira que Daemon mandara

fazer propositadamente para acomodar as asas de um eyrieno e, ainda assim, garantir apoios para os braços.

– Ah, sim, meu velho, eles estão bem. E se o Pai ainda existisse, neste momento estaria a rebolar de tanto rir.

– Isso não me parece bom augúrio. – Daemon bebeu um trago profundo de brandy. Soltou um suspiro resignado.

– Conta-me.

A demora bastara para que Lucivar avaliasse a saúde mental e emocional do irmão. Qualquer sensação entrecortada do cheiro psíquico de Daemon seria um alerta de problemas. Como não captou nada do género, Lucivar prosseguiu.

– O meu filho e a tua filha, numa jangada feita de ramos e cordel, a vogar pelos rápidos e a cair de uma cascata.

A mão de Daemon tremeu-lhe. Pousou o balão na secretária antes de cobrir o rosto com as mãos. Depois entreabriu os dedos o suficiente para espreitar Lucivar e dizer:

– Porquê?

– Porque é o tipo de coisa a que estes dois acham piada.

Daemon gemeu e esfregou o rosto com força, deixando-se escorregar na cadeira.

– O que lhes disseste quando os apanhaste? Pressuponho que os tenhas apanhado.

– Não havia grande coisa que eu pudesse dizer, pois eu e a Jaenelle Angelline fizemos uma jangada com galhos e Arte e lançámo-nos àqueles rápidos e caímos naquela cascata. – Um momento de silêncio. – Duas vezes.

Daemon fitou-o. *Parecia* estar a tentar dizer palavras, pelo que Lucivar bebeu brandy e esperou.

– Porquê duas vezes? – lá acabou Daemon por perguntar.

– Porque foi uma viagem delirante, e divertida. E porque a Jaenelle me tinha lançado aquele olhar e aquele sorriso, lembras-te deles?, e disse: «Lucivar, tenho uma ideia maravilhosa; vais detestá-la». – Encolheu os ombros. – Estávamos bem protegidos.

Daemon bebeu o brandy como se fosse água e depois inspirou um fôlego entrecortado. Uma tal quantidade de brandy talvez o deixasse zozinho por um minuto ou dois, mas o facto de usarem Joias escuras como o Negro ou o Ébano-Acinzentado levava a que ambos processassem o álcool tão depressa como queimavam a comida, pelo que até para ficarem levemente tocados obrigava a um grande esforço.

Na verdade, a única vez que haviam conseguido ficar completamente

embriagados desde que tinham começado a usar Ébano-Acinzentado e Negro fora durante um serão de bares com Jaenelle Angelline. Essa noite – e o que os três haviam feito – tornara-se enevoada e difusa quando Jaenelle começou a fazer uma bebida chamada «coveiro».

– O que disse o Pai? – perguntou Daemon.

– Teria dito muita coisa se eu não lhe tivesse atirado que ele só estava zangado porque tinha ficado com ciúmes de a Jaenelle me ter convidado a mim a experimentar a jangada em vez dele.

Daemon soprou o fôlego com um assobio.

Lucivar mirou o irmão. Estava a correr melhor do que esperara.

– O Pai expulsou-me do estúdio dele, desta mesma sala, por acaso, e não voltou a referir o assunto. Não permitiu que *ninguém* voltasse a referir o assunto. – Beberricou um pouco de brandy e esperou que o rosto de Daemon voltasse quase a assumir o normal tom castanho-dourado. – Foi por isso que nunca lhe contámos que voltámos à aventura uns anos depois, quando a Jaenelle aperfeiçoara a fusão de pequenos objetos com a Arte para criar uma jangada; ou uma maca, caso estivéssemos no mato e precisássemos de deslocar alguém ferido.

Daemon chegou-se à frente, assentou as mãos firmemente entrelaçadas na secretária e disse:

– Portanto, a nossa Senhora construiu nova jangada com galhos e Arte e vocês repetiram aquela proeza asinina?

Lucivar roncou.

– Não valeria muito a pena fazer o mesmo. A última jangada foi feita com galhos, folhas e Arte; e tinha proa. Era mais fácil de manobrar nos rápidos.

– És um desgraçado sem coração – rosnou Daemon. – É suposto que me sinta melhor com essa história?

– Não sentes?

A resposta de Daemon foi sucinta e pouco agradável.

– Vale o que vale, mas acho que não respirei desde que os vi a cair pela catarata até voltarem à superfície na água do fundo – admitiu Lucivar.

– Mas, o que lhes passou pela cabeça?

– Sabes, é que nós, eu e tu, quero eu dizer, temos filhos que, em todos os sentidos, são *nossos* filhos.

Daemon fechou os olhos dourados.

– Valha-me a Mãe Noite.

– E que as Trevas sejam misericordiosas.

– Como está o pequeno Andulvar? – perguntou Daemon daí a pouco. – Ainda não se mete em apuros?

– Na medida do possível para um menino eyrieno daquela idade.

– O que significa que não dá quaisquer problemas quando está a dormir. – Daemon abanou a cabeça e sorriu. – O Beron tem um papel secundário numa peça nova que vai estrear em Amdarh. Se a Marian quiser espairer um bocado, terei todo o gosto em acompanhá-la a um serão no teatro.

– Eu digo-lhe e peço-lhe que trate dos pormenores contigo. Bem que precisa de algum tempo para ela. – Lucivar acompanharia a sua querida feiticeira doméstica ao teatro, ou a musicais, ou àquilo a que ela quisesse assistir, mas Daemon trocava ideias sobre a peça, sobre os atores, sobre o guarda-roupa, sobre os cenários, sobre tudo o que interessaria a Marian, mas pelo qual ele não tinha qualquer gosto. Bem, sendo Daemon o tutor legal de Senhor Beron, até gostava dele, mas não era a mesma coisa.

– E a tua feiticeirazinha? Como está ela?

Lucivar sentia os nervos à flor da pele. Levantou-se da cadeira, pousou o balão na secretária e começou a andar às voltas.

De repente alerta, Daemon contornou a secretária.

– Bastardinho?

– Quero mostrar-te uma coisa.

– Está bem.

Lucivar invocou o bloco de desenho e entregou-o a Daemon. Tinha de se mexer. Sentia-se incapaz de olhar para o irmão enquanto Daemon analisava os desenhos e os esboços de cada folha.

– Foi a Titian que os desenhou? – perguntou Daemon.

Lucivar assentiu que sim.

– Isto incomoda-te?

– Não, isto não me incomoda! – Lucivar virou-se de rompante para a secretária e para Daemon. Era tentador dirigir parte da fúria que o assolava contra um homem forte o suficiente para lhe resistir. Mas a sua fúria quente seria recebida pela raiva fria de Daemon, uma raiva capaz de gelar o sangue. Literalmente.

Agarrou a nuca, tentando aliviar parte da tensão.

– Soube dos desenhos dela quando estava a sair para vir ao teu encontro. Ela tem estado a escondê-los de nós. Mais de mim do que da Marian. Houve quem lhe dissesse que um verdadeiro eyrieno nunca desenharia flores e ela receou que eu pudesse ficar desiludido. – Era isso, mais do que qualquer outra coisa, que o magoava.

Inspirou ar quente – e expirou para um espaço que ficara tão frio que era capaz de ver o fôlego no ar.

Daemon levantou a mão. Daí a pouco, o estúdio regressava à sua temperatura normal – mas o brandy que restava nos balões solidificara.

– As minhas desculpas – lamentou-se Daemon.
– Não tens de te desculpar. Fez-me deixar de pensar em destruir-te a mobília para aliviar o temperamento.

– Posso pedir ao Beale que procure alguma coisa no sótão que possas desfazer.

Daemon fá-lo-ia, e isso fê-lo sorrir.

– Fica para outra altura.

– Sabes quem teceu esse comentário sobre os verdadeiros eyrienos? – perguntou Daemon com demasiada gentileza.

Lucivar abanou a cabeça. Era melhor que não soubesse. Seria muito melhor para todos que Daemon não soubesse. Ademais, ficaria com uma boa ideia de quem o teria dito quando Daemonar voltasse a brigar com alguém. Mas...

– Como é que resolvo isto, Bastardolas? Não percebo absolutamente nada sobre arte, mas se a minha menina quiser desenhar flores ou lobachos ou pedras ou...

– Nus? – aventou Daemon.

– Com a idade dela, não – retrucou Lucivar. Ao ver o sorriso de Daemon soltou o fôlego e retomou as voltas ao estúdio. – O que interessa é, se ela quiser desenhar, como é que a ajudo?

– Ela sabe que me estás a mostrar o trabalho dela?

Lucivar assentiu.

Daemon voltou a folhear os desenhos e depois sentiu o papel com a ponta dos dedos.

– Permites que um tio indulgente trate disto?

– Como?

– Oferecendo-lhe papel melhor e um conjunto de lápis de colorir. Não de maneira que ela julgue que não cumpriu as nossas potenciais expectativas, mas o suficiente para perceber que a estamos a encorajar a seguir o interesse dela e que pode contar com o nosso apoio.

Lucivar sentiu a tensão a deixar-lhe o pescoço e os ombros.

– Um instrutor? – Não fazia ideia onde encontrar tal coisa. Havia artistas em Ebon Rih? Seria capaz de confiar uma criança sensível a alguém, uma menina que era filha do Príncipe Demónio? A *sua* menina sensível? Será que mais farpas verbais inseridas num coração vulnerável seria uma maneira subtil de atacar o homem?

– Deixa-a brincar e explorar sozinha, por enquanto – sugeriu Daemon. – Se ela quiser um professor, dá-lhe hipótese de o pedir.

Talvez demorasse um pouco a ganhar coragem para o fazer, mas, se quisesse alguma coisa, Titian pedi-lo-ia.

Daemon fechou o bloco e devolveu-o a Lucivar.

– A que horas é o nosso jantar antecipado?

– Não sei. Não perguntei.

– Ah, Bastardinho, às vezes não serves mesmo para nada.

Lucivar riu-se.

– Vou perguntar ao Beale quanto tempo ainda tens para tratar de mais papelada.

Daemon olhou para a secretária e depois encaminhou-se para a porta.

– Esquece os papéis. Amanhã de manhã, o Holt logo me admoesta enquanto seleciona os documentos e os contratos prioritários. Vamos dar uma volta.

O Senhor Holt *iria* admoestar o patrão pela manhã. Era isso, em parte, que fazia dele tão bom secretário. Tal como o pai, Daemon precisava de quem não o temesse. Estar tão profundamente no abismo, deter tanto poder e tanto potencial para a destruição podia deixar um homem isolado e solitário. E isso, tal como o historial da família deixara tão claro, podia levar a erros com repercussões que durariam séculos.

Depois de confirmarem a hora a que o jantar seria servido, saíram para um passeio, satisfeitos com a companhia um do outro.

Surreal desceu do Vento Verde junto à casa que tinha em Halaway e que em tempos partilhara com Rainier, um Príncipe dos Senhores da Guerra de Dharo que fora secretário de Daemon durante décadas. Antes disso, Rainier servira no Segundo Círculo da corte de Feiticeira, pelo que era de confiança a muitos níveis. Fora amigo e companheiro de Surreal, mas nunca um amante. Em todos os anos que haviam vivido juntos, ela nunca lhe perguntara sobre amantes ou ligações, e ele retribuía o favor.

E nunca nenhum dos dois havia comentado a atração que ambos sentiam pelo homem belo e perigoso que amava perdidamente Jaenelle Angelline e usava a sua aliança de casamento.

Tanta coisa ficara por dizer em relação a Daemon Sadi.

Surreal ignorou os pensamentos que não lhe trariam nada de positivo e sondou rapidamente a casa para determinar quem estaria presente. Ao confirmar que os únicos indivíduos no interior eram os funcionários, Surreal dirigiu-se à porta da cozinha e bateu. As cozinheiras iam e vinham, bem como as criadas e as aias pessoais, mas o mordomo e a governanta trabalhavam para ela, não para os atuais locatários. Isso servia de garantia em como a propriedade

não seria danificada. Um breve minuto de conversa com o mordomo e com a governanta confirmou-lhe que os presentes empregados também não estavam a sofrer quaisquer maus-tratos.

Caso a informação ao potencial arrendatário de que a casa pertencia à segunda-comandante de Sadi não fosse alerta suficiente para as consequências de comportamentos abusivos que não fossem consensuais, regra geral bastava acrescentar que ela era uma assassina extremamente bem paga cuja mãe fora Rainha das Harpias e ensinara à filha como usar uma faca.

É claro que alguns dos interessados desapareciam assim que ficavam a saber isso acerca dela.

Infelizmente para esses, ela indicava-lhes o nome às Rainhas da Província nas suas visitas seguintes, só para o caso de algum tolo julgar que aquilo que não se via não teria um preço.

No seu desejo de atrasar um tudo-nada mais o regresso ao Paço, Surreal entrou na livraria da aldeia e avaliou a nova seleção de livros.

O Paço podia ser a sede da família, mas não era um lar. Pelo menos para ela. Era demasiado grande, demasiado imponente, demasiado cheio de pessoas que nem eram amigos nem familiares que lhe permitissem ser quem era. A casa em Amdarh, capital de Dhemlan, adequava-se às suas necessidades – uma casa pequena numa cidade grande. O Paço adequava-se a Daemon, permitindo-lhe espaço para respirar longe de quem pudesse ficar assoberbado com a tensão sexual dele e reagir de modo que corresse perigo – tanto essas pessoas como todas as outras.

E Jaenelle Saetien? Uma criança entre dois mundos. A propriedade dava-lhe espaço para andar, correr e explorar, quer sozinha, quer com a companhia de um Sceltie ou dois, ou com Mikal, que vivia com Tersa e era protegido de Daemon. A menina podia gozar as atividades físicas e a independência protegida garantida pela possibilidade de ir à aldeia sem um adulto a reboque. Mas ela também gostava do teatro e dos parques e das lojas de Amdarh, mesmo tendo menos independência numa cidade desse tamanho. Gostava de partilhar o tempo com raparigas de outras famílias aristocráticas quando estas se juntavam.

Felizmente, o movimento entre uma e outra residência não era invulgar. Por vezes, Daemon ia com elas. De outras vezes, ela planeava as visitas a Amdarh de modo a coincidir com a estadia dele na Fortaleza. O que nunca mudava era o seu objetivo – manter a filha segura e deixá-la crescer sem as cicatrizes que haviam marcado a vida dela, e a vida de Daemon... e a vida de Jaenelle Angelline.

Nisso, ela e Daemon estavam de acordo.

Depois de adquirir dois livros, Surreal dirigiu-se a uma casa de jantar. Não adiantou quaisquer explicações quanto ao motivo por que estava a comer fora, ao invés de se encaminhar para o Paço, e ninguém lhas pediu. Todos na aldeia sabiam que Jaenelle Saetien estava de visita aos primos em Ebon Rih, e, nessas alturas, Surreal comia amiúde sozinha em Halaway – e também quando Sadi estava ausente.

Sadi estava no Paço. Ela sentia a presença do Negro. O poder negro percorria toda a aldeia, não só a propriedade dos SaDiablo, uma presença que servia, ao mesmo tempo, de conforto e de alerta para os residentes em Halaway.

Era engraçado como nunca dera por isso nos anos em que morara na aldeia.

Em pequena tivera uma paixoneta por Daemon Sadi, que já era um jovem adulto quando ela o conheceu, na altura um escravo de prazer desde há séculos. Ela nutrira um conceito romântico de menina do que seria estar com ele. Enquanto jovem prostituta, cuja formação ele financiara porque na altura seria o único tipo de ajuda que ela aceitaria, certa noite embriagara-se e comera um erro que o levava a mostrar-lhe como poderia ser o sexo envolto numa raiva gelada. Fora nessa noite que ela vislumbrara de muito longe o lado do temperamento dele a que os restantes Sangue chamavam o Sádico.

Depois haveria a noite em que Saetan Daemon SaDiablo, Príncipe das Trevas e Senhor Supremo do Inferno, tivera a sua morte final e tornara-se um murmúrio nas Trevas. Ela e Daemon juntaram-se como forma de lidar com uma perda dolorosa. Se ela não tivesse engravidado nessa noite, talvez se tivessem tornado amantes, talvez não. Mas uma vez que Daemon fora privado do pai em tão tenra idade, e devido ao que lhe acontecera depois disso, ele não suportou deixá-la partir com a sua filha. Por isso, Surreal aceitou casar-se com ele, e, na altura, acreditou que os seus motivos eram sólidos.

Fora um erro. Eram bons parceiros, bons amigos. Surreal tivera bastante tempo para pensar na noite que lhes danificara o casamento e quase destruíra Sadi, e agora já conseguia admitir, pelo menos para ela, que devia ter rejeitado o convite dele para brincar, devia ter entrado no quarto e fechado a porta. Isso talvez o magoasse um pouco, mas pela manhã esse desejo específico já se teria dissipado e a rejeição dela não teria alterado o estado das coisas entre eles. Aceitar o convite mudara tudo.

Por mais fabuloso e aterrador que o sexo tivesse sido, o convite não fora pelo sexo. Não exatamente. Não na sua essência. Fora a essa conclusão que ela chegara depois de anos a debater-se para compreender o motivo por que fugira na manhã seguinte, ao invés de confrontar Daemon. Ela fugira para sobreviver, porque, naquela noite, o que Daemon lhe oferecera fora ser um marido

para ela como havia sido para Jaenelle, oferecendo-lhe tudo, sem conter nada. E Daemon sem se conter...

Surreal fugira dele, e fugira da verdade, de certa forma ainda fugia, pois temia o que poderia acontecer à família, a Dhemlan, a todo o malfadado Reino caso ela dissesse a verdade.

Não queria ser uma esposa como Jaenelle Angeline fora. *Não podia* ser uma esposa dessas. Pelo menos com o Senhor Supremo do Inferno ou com o Sádico. Parceira e amante de Sadi? Segunda-comandante do Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan? Sim, podia ser tudo isso, gostava de ser tudo isso. Essa mulher podia apontar uma besta a um homem e estabelecer limites sem que viesse mal ao mundo. Sadi nunca esperara que a sua segunda-comandante ou a sua amiga aceitasse tudo o que ele era. Agora, uma mulher que fosse sua esposa na mais lata aceção do termo? Oh, sim. Ele esperaria que ela o aceitasse por completo.

Afinal de contas, fora exatamente isso que a primeira mulher fizera.

Ele não a queria magoar. Se Surreal lhe pedisse que desse o casamento por terminado, ele libertá-la-ia. E depois disso? Todas as mulheres que imaginavam como seria estar com Daemon, que julgavam que seria maravilhoso e excitante estarem cercadas pela sua tensão sexual, mas que não compreendiam como seria estarem rodeadas por ela dia após dia, que não faziam ideia de *tudo* o que ele era... Voltariam a atazaná-lo, uma irritação que lhe minaria o controlo até que as amarras que lhe seguravam o temperamento e o Sádico rebentassem.

A chacina seria horrenda.

Pelo bem de todos, não podia deixar Sadi sem a proteção que era ter uma esposa. Mas por vezes – muitas vezes, na verdade, pelo menos ultimamente – desejava que Jaenelle Angeline não tivesse dado a entender que ser esposa de Sadi era um mar de rosas.

Daemon sentiu o regresso de Surreal ao Paço minutos antes de sentir a partida do Ébano-Acinzentado.

Os Dhemlanos, os Eyrienos e os Hayllianos eram as três raças de vida longa, com vidas que se mediam em milénios. Demasiados anos. Ao passo que as gerações das outras raças floresciam e definhavam como flores de verão, os seres de vida longa cresciam com lentidão – saltos de crescimento, seguidos por longos planaltos até ao nível de maturidade seguinte. Mas as raças que mediam a vida em séculos também precisavam de mais tempo para ultrapassarem palavras ou ações que as ferissem.

À superfície, Lucivar tratava Surreal como sempre fizera, com um misto de cautela em relação à feiticeira de Joia Cinzenta que era uma assassina de grande competência, e de disponibilidade para a eliminar, caso tal fosse necessário. Mas abaixo dessa superfície, Lucivar continuava irritado com o facto de a escolha de Surreal de sofrer em silêncio quando se sentira assoberbada com a tensão sexual do marido, ao invés de ter falado com alguém – *qualquer um* –, ter levado Daemon a cometer erros que o haviam deixado à beira de voltar a ficar com a mente estilhaçada, o que o poderia ter levado a mergulhar no Reino Distorcido.

Houvera sofrimento de parte a parte, e se Surreal tivesse falado com ele depois de ter cometido o erro de permitir que o Sádico brincasse com ela enquanto amante, as suas vidas e o seu casamento podiam ter sido muito diferentes. Mas todos sabiam que, se alguém lhe houvesse dito diretamente que ele teria de suportar uma dor hedionda durante meses e quase perder a sanidade de modo a poder recuperar a presença de Feiticeira na vida dele, ele tê-lo-ia feito sem pensar duas vezes, abraçaria a dor e pagaria qualquer preço.

Já não havia um corpo que ele pudesse tocar, abraçar ou amar fisicamente. Mas a união das mentes, ser visto e aceite por tudo o que era, em toda a sua terrível glória, quer fosse Daemon Sadi, ou o Senhor Supremo do Inferno, ou o Sádico... Isso salvara-o e continuava a salvá-lo. Jaenelle Angelline, a sua Rainha e o amor da sua vida, podia usar esses diferentes rótulos para reconhecer os diversos aspetos de quem ele era, mas para ela não havia distinção. Por vezes, ele era mais uma coisa do que outra, mas para ela era sempre Daemon. Tal como Saetan fora Saetan, quer desse pelo título de Senhor Supremo ou Administrador da Corte das Trevas... ou pai.

Mesmo alheio à sua vontade, as opções de Surreal haviam trazido Feiticeira de volta a Daemon, e, só por isso, ele dispusera-se a esforçar-se por ser um bom marido. Um marido cuidadoso. Manter-se ligado aos vivos e trabalhar no seu casamento fora parte do acordo que estabelecera com Feiticeira de modo a poder passar tempo com ela na fortaleza, onde a essência dela, através do enorme reservatório de poder que ainda estava às suas ordens, podia criar uma sombra do sonho que vivera dentro de carne.

E assim ele trabalhou no seu casamento – ou parceria, como Lucivar lhe chamava – com Surreal, e Lucivar esforçou-se por ignorar a centelha de fúria que o eyrieno ainda sentia contra Surreal.

De regresso aos seus aposentos na ala familiar do Paço, Daemon tomou um duche rápido e vestiu roupas lavadas – as habituais calças pretas e camisa branca de seda. Ainda ponderou acrescentar o casaco preto, mas decidiu que ficaria demasiado formal, demasiado oficial. Não queria um relatório da sua

segunda-comandante; estava a oferecer-se para passar o serão com a esposa, a fazer o que ela quisesse.

Ao pentear o cabelo preto grosso reparou nos primeiros fios grisalhos nas fronteiras. Com mil e novecentos anos de idade, ainda era um pouco novo para que o cabelo começasse a mudar de cor, mas se acabasse com as madeixas brancas que o pai tinha nas fronteiras, bem, não ia barafustar por causa disso. Ademais, o rosto, apesar de ainda belo, já tinha uma expressão madura, embora continuasse sem rugas, salvo pelas linhas esbatidas nos cantos dos olhos. Rugas de riso. Também não se importava com isso.

Observou-se ao espelho sobre a cómoda. Aliança de casamento de ouro na mão esquerda. Anel de Joia Negra na mão direita. Ao pensar na mulher que se encontrava no quarto adjacente fez desaparecer o pingente que continha o Negro, substituindo-o pelo Vermelho de Direito de Progenitura. Era menos intimidante.

Finalmente, confirmou as amarras – o autocontrolo e a autodisciplina – que lhe sustinham o temperamento, o poder, a tensão sexual... e o Sádico. Estava tudo discretamente amarrado, confortavelmente amarrado. Já não era capaz de apertar mais essas amarras a ponto de se prejudicar. Uma barreira criada com o poder de Feiticeira garantia que assim era.

Uma vez que passara vários dias fora, talvez Surreal não se importasse de sentir a tensão sexual que, mesmo presa, era capaz de assoberbar uma mulher e deixá-lo desesperada pela atenção de um amante.

Só havia uma maneira de saber.

Bateu à porta entre os quartos e esperou pelo convite dela.

Ela despira o casaco, mas continuava com o vestido comprido – um estilo simples, num tom rico de verde que lhe assentava maravilhosamente na pele castanho-clara, que lhe combinava na perfeição com os olhos de um verde-dourado e com o cabelo preto apanhado com ganchos decorativos de modo a revelar-lhe as orelhas delicadamente afiladas.

– Vi o Lucivar a sair de cá – comentou Surreal. – Foi uma visita oficial ou de família? Ou... – Empalideceu. – Pelo fogo do Inferno, Sadi. Os meninos?

– Estão bem. O Lucivar deve ter envelhecido uma década quando assistiu, mas eles tiveram uma aventura emocionante a vogar pelos rápidos e a cair por uma cascata.

Surreal deixou-se cair no pequeno sofá da zona de estar do quarto.

– Valha-me a Mãe Noite.

Daemon atravessou o quarto e ajoelhou-se à frente dela, descalçando-a.

– Respira, minha querida. Vá lá, respira.

– Respiraste quando ele te contou?

Daemon soltou uma gargalhada.

– Acabei por respirar. – As mãos subiram-lhe dos pés, massajando-lhe a barriga das pernas. – Se tivessem corrido perigo real, o Lucivar teria intervindo.

– E se ele não estiver por perto quando voltarem a ter uma ideia brilhante?

– Nesse caso, esta experiência ensinou-os a protegerem-se. – As mãos subiram ainda mais, com a ponta dos dedos a acariciar-lhe ao de leve as coxas de lado, desde os joelhos às ancas e de volta ao início. Depois, a provocação superficial deslocou-se para o topo das coxas, com Daemon a observar-lhe o rosto e a avaliar-lhe a expressão nos olhos. Quando ele se endireitou, ela abriu as pernas para o acomodar.

Daemon afagou-lhe o interior das coxas, aproximando-se da junção, mas sem lhe tocar – não porque estivesse a provocá-la, mas porque aguardava pelo convite dela.

Surreal inclinou-se para a frente. Uma mão agarrou-lhe a camisa e puxou-o para ela.

– Sadi.

Quando mal havia um murmúrio de espaço entre os lábios de ambos, ele resistiu ao puxão e disse:

– Sim? – Uma pergunta. Um requisito.

– Sim. – *Maldito sejas.*

Ouviu o sentimento mudo, mas quando o polegar afagou a renda e a seda húmidas das cuecas e ela arquejou, Daemon encostou a boca à dela e deixou que o seu beijo a enchesse com o calor do seu desejo e da sua necessidade. Deu-lhe aquilo que o corpo e as emoções dela lhe disseram que queria – e amou-a até que ela estivesse demasiado saciada para querer mais.

CAPÍTULO DOIS



Surreal acordou com o raiar da alvorada e olhou para o homem que dormia a seu lado. Talvez ainda dormisse. A consciência que ele tinha dela era tal que normalmente acordava primeiro ao sentir a mais pequena alteração no corpo dela, na sua respiração ou no cheiro psíquico.

Daemon já não se descontraía por completo quando dormia com ela. Há anos que não relaxava totalmente na cama dela. Tal como não ia além da primeira indicação de que estava disposto a fazer sexo até que ela dissesse *sim*. E não se tratava de um acordo não-verbal. Ela tinha de o dizer. Mesmo quando era ela quem iniciava essa dança, Surreal tinha de dizer que o queria.

Ela sabia o motivo por que ele o fazia, mas, valesse-lhe o fogo do Inferno, quem diria que Daemon Sadi ficaria tão sensaborão na cama, sempre a pedir autorização, sempre a avaliar-lhe a reação para ver se o que lhe estava a fazer a satisfazia? Ao recordar o entusiasmo que costumava fazer parte do ato do amor, a diferença entre o homem que *devia* entrar-lhe na cama e o homem que lhe *entrava* na cama era brutal.

– Há algum problema? – indagou Daemon. A voz grave, com o seu ronronar sexual, continha um sem-fim de promessas que não seriam concretizadas.

Talvez ela fosse capaz de o convencer a dar-lhe um pouco que fosse do antigo amante.

Procurou debaixo dos lençóis e fechou a mão em torno do membro dele, já duro e pronto a ser montado. Agarrou-lhe uma mancheia de cabelo com força suficiente para doer e continuou a trabalhá-lo com a outra mão, ao mesmo tempo que o beijava profundamente, a língua a confundir-se com a dele.

Surreal interrompeu o beijo e montou-o.

– Sim? – perguntou, debruçada sobre ele, mas segurando-lhe a cabeça para o impedir de a beijar.

– Sim.

Posicionou-se sobre o membro dele, baixou-se ao de leve, o suficiente para que ele a sentisse a abrir-se. A provocá-lo. A atormentá-lo.

– Sim? – perguntou ela com doçura.

– *Sim* – rosnou Daemon, os olhos dourados a ficarem velados com um toque de temperamento.

Aceitou-o então nela e cavalgou-o – e julgou ver, e sentir, um vislumbre do homem que ele costumava ser.

Daemon atacou o pequeno-almoço com entusiasmo – e interrogou-se quanto ao que teria possuído Surreal naquela manhã. Fora a primeira vez, em muito tempo, que ela parecera gostar realmente de estar com ele, ao invés de ficar assoberbada com a tensão sexual dele ou desiludida com o sexo cuidadoso que ele lhe concedia.

– Quais são os teus planos para hoje? – perguntou, fatiando um naco de carne.

– Nada que não possa alterar, conquanto o Holt não tenha autorização para me admoestar por não lhe entregar relatórios e outros documentos – respondeu ela. – Porquê?

– Vou à caça. Queres vir comigo?

Surreal pousou a faca e o garfo e Daemon viu o lado da sua natureza Dea al Mon a brilhar-lhe nos olhos verdes-dourados. Surreal adorava uma boa caçada.

– O que vamos caçar? – quis ela saber.

– Material artístico e artistas.

Surreal pestanejou algumas vezes. Depois pegou nos talheres e voltou à comida.

– Quando as pessoas dizem que os críticos são capazes de matar um artista, isso não é para ser levado à letra. – Fez uma pausa. – Regra geral. E então, quem vamos caçar e porquê? Cores garridas? Estilo medíocre?

– Se assim fosse, seria pouco assisado da minha parte matar alguém e fazer com que o artista fosse parar ao Inferno. Se não havia talento quando andava entre os vivos, a pessoa não ganha talento ficando demónio-morto.

– Tal como provava a arte que ele exibia no Salão do Reino das Trevas como

gentileza para quem realizava um sonho antes de se tornar um murmúrio nas Trevas, ele *sabia* que estar morto não libertava quaisquer talentos latentes.

Contou-lhe sobre o interesse de Titian por arte e sobre o desejo de Lucivar de encorajar a menina – e a sua oferta de ajuda.

– Os materiais são fáceis de encontrar – disse Surreal. – Podes ir a Amdarh. *Podes, não podemos.*

Daemon engoliu a decepção com o café.

– Mas cruzei-me com uns artistas que talvez possam dar conselhos – continuou Surreal. – Uma delas está na minha lista de coisas a debater contigo. Ela manifestou interesse em ensinar arte na nossa escola para crianças Sangue mestiças. Segundo creio, ela acabou uma relação de longa duração e quer sair da cidade onde viviam para começar de novo.

– Há pavilhões ou casas geminadas na escola?

Surreal abanou a cabeça.

– Confirmei a caminho de casa. Mas há pavilhões disponíveis na aldeia. Um deles está em boas condições. O outro precisaria de algum trabalho de recuperação e manutenção, mas tem um anexo ao fundo do jardim que imagino poder servir de estúdio de arte. Janelas grandes. Muita luz. Acho que devíamos ver os pavilhões e falar com a artista antes de escolheres os materiais.

Daemon sorriu. Uma aventura que podiam partilhar antes que a tensão dele se tornasse excessivamente desconfortável para ela e cada um tivesse de seguir o seu caminho. Outra vez.

– Sim. Vamos a isso.

Daemonar e Jaenelle Saetien passeavam pela rua principal de Riada. Pelo menos, ele esperava que parecessem apenas dois jovens a ver montras.

– Porque quiseste que andasse pela aldeia contigo? – indagou Jaenelle Saetien. – Vamos *fazer* alguma coisa?

Ela seria capaz de passar horas a andar pelo campo, à procura de coisas interessantes, quer fosse ali ou no Paço. Mas precisava de um objetivo que lhe captasse a atenção para passear numa aldeia.

– És o meu engodo – respondeu Daemonar, indicando o Senhor Zaranar quando guerreiro eyrieno saiu de uma loja do outro lado da rua.

– Sou o teu quê? – disse Jaenelle Saetien num tom um tudo-nada alto de mais.

– Chiu. Não faças fitas. Um engodo é aquilo que os caçadores usam para disfarçar a sua presença e não alarmarem a presa.

Ela pensou por um instante.

– Quer dizer que estás à caça?

– Estou.

– De quem? Porquê?

– Alguém magoou a Titian, e eu quero ter uma conversa com essa pessoa sem que o meu pai ou o Rothvar percebam quem foi.

Jaenelle Saetien parou e olhou-o.

– Quem é que magoou a Titian?

Ela tinha apenas um quarto de sangue Dea al Mon, mas era uma lutadora – e a lealdade para com a família era tão intensa como a dele.

– Eu preocupo-me com isso – asseverou Daemonar. – Foi por isso que viemos passear a Riada esta manhã, ver montras, e vamos acabar na padaria, onde vamos comprar fatias de bolo com molho de chocolate.

– É a minha paga por ser um engodo?

– Claro. – E era também algo que o pai podia confirmar caso surgissem questões em torno da sua presença na aldeia.

– Podíamos ir à livraria – sugeriu Jaenelle Saetien. – Já li os livros todos que trouxe.

– Eu pago o bolo, mas não te compro um livro – exclamou Daemonar, impondo um limite ao que estava disposto a pagar pela ajuda da prima.

– Não te pedi que pagasses. – A voz da menina ficou ríspida. – Tenho o meu dinheiro.

– Então está bem. Mas vamos antes à loja de variedades. Eles também têm livros. – Embora menos. Seria melhor evitarem a tentação da livraria se queriam ter tempo para comer uma fatia de bolo antes de terem de regressar a casa. A mãe esperava-os para a refeição do meio-dia e um atraso serviria para atizar o mau humor do pai, o que Daemonar não queria fazer, pois tinha algo importante a discutir com Lucivar.

Dirigiram-se à loja de variedades, estabelecimento que fazia jus ao nome tendo um bocadinho disto e um bocadinho daquilo – e nunca repetiam isto e aquilo de um mês para o outro. A probabilidade de encontrar a presa ali era maior do que na livraria, já que ela afirmava que os livros eram chatos – uma mudança de opinião recente –, mas estava sempre à procura de algo que comprar, mesmo tendo dinheiro limitado para gastos. Daemonar ajudara-a algumas vezes, poupando-lhe o embaraço de ter de admitir que não tinha como pagar o objeto que depositara no balcão, mas não voltaria a fazê-lo. Não via motivo para ajudar quem fora mau para a sua irmã.

Quis o destino que a presa dele e respetiva «corte» estivessem a sair da loja de variedades quando ele e Jaenelle Saetien se aproximavam.

– E se fosses ver de um livro? – sugeriu-lhe Daemonar baixinho. – Isto não demora.

Jaenelle Saetien cumprimentou Orian e o punhado de raparigas rihlander que a acompanhavam com um aceno de cabeça e entrou na loja.

– Daemonar. – O sorriso de Orian parecia genuíno, mas os olhos denotavam uma expectativa de que ele não gostava: era como se procurassem a confirmação de que as palavras dirigidas a Titian haviam surtido o efeito desejado.

– Orian – respondeu. Acenou com a cabeça às outras raparigas. – Senhoras.

– É *Senhora* Orian. – A jovem bateu com o dedo junto à Joia de direito por Progenitura Azul-Celeste. – Uma Rainha não deve ser tratada de modo tão informal em público, nem mesmo por um amigo.

– Se vamos jogar esse jogo, debes dirigir-te a *mim* como *Príncipe* Daemonar; ou Príncipe Yaslana, já que tenho um estatuto superior.

– Isto não é um jogo – cuspiu ela. Ao ver o Senhor Tamnar e o irmão dela, Alanar, no outro lado da rua, Orian controlou o temperamento. – Não podes faltar ao respeito a uma Rainha.

– O respeito tem de ser mútuo – lembrou ele, ciente dos dois Senhores da Guerra eyrienos que os observavam. Não pareciam fazer menção de intervir. Ainda.

Orian ofereceu-lhe um sorriso aguçado.

– Como está a Titian? Espero que tenha acatado o meu conselho.

Cabra. Muito bem. Responderia à letra.

– O conselho de que um eyrieno *verdadeiro* não desenharia flores? – Daemonar arreganhou os dentes num sorriso enquanto mirava o cabelo dela, cheio de caracóis naturais. – Bom, imagino que saibas bem o que é não ser uma eyriena verdadeira.

As outras raparigas arquejaram com o insulto. A expressão de Orian não seria de maior dor se ele lhe tivesse espetado uma faca e revirado a lâmina.

Ótimo.

Acercou-se de Orian, consciente de que Tamnar e Alanar estavam a atravessar a rua e de que dispunha de meros instantes para transmitir a sua mensagem.

– Não quero saber que sejas rapariga. Não quero saber que sejas uma Rainha. Se voltas a magoar a minha irmã, sangro-te.

Deu um passo atrás e olhou para os dois Senhores da Guerra eyrienos que eram seus amigos.

– Tamnar. Alanar.

– Daemonar – respondeu Tamnar. Mirou as raparigas. – Senhoras.

– Depois concentrou-se em Daemonar e perguntou-lhe num fio psíquico:
Algum problema?

Não, não há qualquer problema, respondeu Deamonar. *Acho que a mensagem foi entendida.*

Contornou as raparigas, que se apressaram a sair-lhe do caminho, e entrou na loja. Não ficou surpreendido por encontrar Jaenelle Saetien junto à porta, ao invés de estar a ver livros, mas interrogou-se se ela o ajudaria ou se o afastaria de Orian caso a situação terminasse numa peleja física.

– Os livros estão além – indicou ele, apontando para o canto da loja com as estantes.

– Aquilo que disseste à Orian sobre ela não ser uma verdadeira eyriena – comentou ela baixinho. – Aquilo foi mau.

– Ela mereceu.

Jaenelle Saetien hesitou.

– O Tio Lucivar não o teria dito.

– É verdade. – *Mas o Tio Daemon, sim.*

As coisas não se ficariam por ali, sobretudo com Tamnar e Alanar como testemunhas do choque com Orian. Alanar não era muito mais velho do que ele, mas Tamnar já cumprira a Corrida de Sangue, o primeiro rito de passagem importante de um macho eyrieno, e estava prestes a fazer a Dádiva às Trevas. Uma vez que seria considerado adulto e seria responsabilizado caso não dissesse nada, seria *ele* a reportar o incidente a Rothvar, deixando nas mãos do segundo-comandante de Lucivar a decisão de informar o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih.

Que assim fosse.

Apesar da seleção limitada, Jaenelle Saetien encontrou dois livros que lhe interessavam e Daemonar um para ele. Quando saíram da loja, Orian e a sua «corte» haviam desaparecido, bem como Tamnar e Alanar. Imaginava que os Senhores da Guerra estariam agora a acompanhar as raparigas aonde quisessem ir.

Esperava que não fosse à padaria.

– Acho que devíamos dividir uma fatia de bolo de chocolate – aventou Jaenelle Saetien ao entrarem na padaria.

– Porquê?

– E acho que devíamos juntar o dinheiro que temos e comprar um bolo inteiro e um frasco do molho de chocolate e levá-lo para casa para o doce.

Mesmo que já tivesse preparado algo para o doce pós-refeição, a mãe dele apreciaria o gesto.

– Está bem.

Não se importaria de deixar que Jaenelle Saetien ficasse com mais do que

o seu quinhão como agradecimento pela ajuda, mas a prima cortou cuidadosamente ao meio a fatia de bolo – e teve o cuidado de pagar exatamente metade da guloseima que iam levar a Marian.

Chegado a casa poucos minutos antes da refeição do meio-dia, Lucivar olhou para o bolo de chocolate e para o frasco de molho na bancada da cozinha e comentou:

– Bem, tudo tem o seu preço.

– Quererão escapar-se ao quê com aquilo? – indagou Marian, inclinando a cabeça na direção do bolo e do molho.

Lucivar não sabia ao certo como responder à questão.

– Eu trato disso.

– Lucivar? – Marian levou-lhe a mão ao braço e observou-lhe a expressão.

– Não reprovos aquilo que o Daemonar e a Jaenelle Saetien fizeram.

– Aquilo que ele fez. – Hesitou. – Não sei ao certo. Não posso dizer que não teria feito o mesmo. – Mas não da mesma forma, e era o método de retaliação do seu primogénito que o deixava inquieto.

Com a idade de Daemonar lutava pela sobrevivência nos campos de caça eyrienos, mas nunca desrespeitaria uma Rainha fosse de que maneira fosse, independentemente do que ela pudesse ter dito ou feito. Depois de provar a dor que as Rainhas de Askavi Terreille infligiam aos homens só porque podiam magoar todos os que se encontrassem sob o seu controlo? Teria desfeito a cabra como lição e como alerta.

Ele *tinha* desfeito as cabras e as histórias dessa selvajaria eram parte do motivo por que havia sido tão temido. Ainda era tão temido.

– Ele não chegou ensanguentado a casa – suspirou Marian. – Acho que já não é mau.

– Vou refrescar-me. – Lucivar deu-lhe um beijo ao de leve. – Não te preocupes. Nada ficou ferido, a não ser sentimentos.

Ao chegar à arcada que separava a cozinha da grande sala de entrada, Marian disse-lhe: – Às vezes são essas as feridas que mais demoram a sarar.

Lucivar virou-se para a olhar.

– Pois, eu sei.

Nada se disse durante a refeição do meio-dia. Talvez isso significasse que ninguém informara o pai da troca que tivera com Orian.

Essa centelha de esperança esvaiu-se assim que a refeição terminou e Lucivar o fitou nos olhos, ordenando:

– Para o meu estúdio. Já.

A pensar no que poderia ter sido dito, e se iria lidar com o pai enquanto seu pai ou como Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih, Daemonar seguiu Lucivar até ao estúdio – e ficou sem saber o que pensar quando Lucivar ocupou um dos lugares à frente da grande secretária de madeira preta, ao invés de ir para trás dela.

Daemonar ocupou o outro lugar e tentou parecer curioso e atento, como se não fizesse ideia do motivo por que fora chamado ao estúdio. De todo.

– Meu senhor?

Lucivar não disse nada durante o que lhe pareceu uma eternidade. Então:

– O Endar e a Dorian vieram para Kaeleer com os filhos durante a última feira de serviços, tal como aconteceu com a Jillian e a Nurian. À semelhança do que fizeram muitos dos eyrienos que vivem em torno de Ebon Rih. Todos os que vieram a essas feiras procuravam a oportunidade de terem uma vida nova, uma vida melhor. No caso de Endar, ele também queria proteger uma filha que era uma Rainha, e que tinha um cabelo que deixava bem claro que tinha na ascendência outra raça além da eyriena.

»Conheces a Orian desde que ambos eram bebés. Brincaram juntos, foram à escola juntos. Pelo que me era dado a ver, vocês sempre se deram bem. Mas hoje deste-lhe um golpe verbal à frente das amigas. Porquê?

Daemonar fitou o chão entre os pés e cerrou as mãos nos joelhos para as impedir de remexer em tudo e em nada. Não podia mentir, nem podia contornar uma pergunta direta.

– A Orian disse uma maldade à Titian, por isso disse-lhe também algo mau para que soubesse como isso dói.

– Disseste-o à frente das amigas da Orian.

– E ela também – tornou Daemonar, sustendo o olhar do pai. – A Titian tinha feito um desenho para a Mãe, e estava felicíssima até que a Orian... – Interrompeu-se, sem saber o que Titian contara ao pai.

– Até que a Orian disse que um verdadeiro eyrieno nunca desenharia flores? – concluiu Lucivar.

Daemonar assentiu.

– A Titian gosta de desenhar. Ela gosta muito de desenhar. Mas depois de a Orian ter dito aquilo, não quis que ninguém soubesse dos desenhos, porque... – Um fôlego profundo, para dentro e para fora. – Porque tinha medo que tu e a Mãe ficassem com vergonha dela. Ela *chorou*.

Viu os olhos de Lucivar a ficarem velados, sentiu a fúria que emanava do

Ébano-Acinzentado a aproximar-se do limite assassino. Depois observou o pai a controlar essa fúria e a afastar-se desse limite. Isso deu-lhe a coragem necessária para concluir.

– Se fui mau com a Orian para que soubesse que não pode ser má para a minha irmã sem consequências, isso é entre nós, é entre... crianças. Mas tu és mais do que pai da Titian, e se tivesses confrontado a Orian, isso seria encarado como um Príncipe dos Senhores da Guerra de Ébano-Acinzentado a pôr uma Rainha no seu lugar devido ao comportamento. Isso afetaria muito mais a Orian do que um insulto meu, pois todos os machos eyrienos ficariam a par *disso*.

– Disseste mais alguma coisa? – perguntou Lucivar.

– Disse-lhe que se voltasse a magoar a minha irmã a sangrava.

Lucivar observou-o.

– Fá-lo-ias?

– Sim. – Ninguém podia magoar a irmã, ou o irmão, ou a mãe – ou o pai. Pelo menos enquanto conseguisse erguer-se e lutar.

Lucivar suspirou.

– Está bem. Mas lembra-te de que tu e a Orian terão de conviver um com o outro por muitos anos. Será mais simples se conseguirem permanecer em termos amigáveis, ou, pelo menos, civilizados.

– Perdoar e esquecer? – aventou Daemonar.

Os olhos do pai assumiram uma expressão bizarra.

– Perdoar, certamente. A seu tempo. Sobretudo se o teu tio encontrar maneira de apagar a mágoa que a Titian está a sentir neste momento. Esquecer? – Lucivar abanou a cabeça. – Aquilo que a Orian disse pode ter sido apenas fruto de se querer exibir às amigas ou da necessidade momentânea de se sentir poderosa fazendo outra pessoa sentir-se mínima. Ou então pode ser indicativo daquilo que ela é no seu âmago, algo que não se mostrou quando era mais pequena. Seja qual for o motivo, tudo o que ela disser e fizer a partir de agora será sopesado quando tiver idade suficiente para criar uma corte oficial. E tenho de falar com a Rainha de Riada para que venha a trabalhar com a Orian e lhe ensine o que é ser Rainha.

Lucivar ergueu-se, marcando o final da discussão.

– Há mais uma coisa – adiantou Daemonar.

– Ah, sim?

Limpou nas coxas o suor que lhe surgiu de repente nas palmas das mãos.

– Gostaria que falasses com a Rainha em nome de um Irmão na corte. – Não havia necessidade de especificar de que Rainha se tratava. Para os homens na família deles só havia uma.

– Oh? – disse Lucivar.

– Tu e o Tio Daemon vão à Fortaleza todos os meses e passam tempo com a Tia J., mas sempre que preciso de falar com ela tenho de continuar a tentar chegar ao Local Enevoadado, e isso fica de tal modo nas profundezas do abismo que não posso demorar-me. Não é justo. Ela também é a minha Rainha. Porque não posso ir à Fortaleza visitá-la e falar com ela? Não a vou importunar. E não irei lá quando o Tio Daemon estiver presente, pois esse é o tempo de cura dele. Mas agora que não sou o único a vê-la... – Hesitou, lembrando-se de que guardara esse segredo do pai durante muito tempo, até que Feiticeira dera a sua presença a conhecer a Lucivar e a Daemon.

Lucivar ergueu-se da cadeira.

– Vou pensar nisso.

Não se tratava de um *sim* decisivo, mas também não era um *não*.

Daemonar levantou-se.

– Obrigado, meu senhor.

Lucivar soltou um ronco.

– Claro. Anda, rapazola. Temos coisas para fazer.

Quando o pai lhe pousou a mão no ombro e o encaminhou para fora do estúdio, Daemonar perguntou:

– Que coisas?

– Bem, eu tenho de falar com o Rothvar e com os outros homens, bem como com a Rainha de Riada. Tu tens de evitar que a tua prima se meta em sarilhos durante o resto do dia.

Tinha de pensar em coisas suficiente para Jaenelle Saetien fazer de modo a impedi-la de ter outra ideia maravilhosa? Que o fogo do Inferno lhe valesse.

– Oh.

– Pois. Oh. E não penses que eu não sei que tenho a melhor tarefa, independentemente daquilo que o Rothvar tenha a relatar.

O pai não estava errado...